

ESTUDO EXPLORATÓRIO DO SETOR TÊXTIL E DE CONFEÇÃO (T&C)

Exploratory Study of Textile and Clothing Industry (t&C)

Bender, Ana; MS; Universidade do Vale do Rio dos Sinos
anabend@unisinos.br¹

Resumo

Este artigo é parte componente de um trabalho de conclusão de mestrado em Design. O estudo buscou analisar a predisposição cultural de um grupo de indústrias de confecção de artigos do vestuário localizadas no Rio Grande do Sul para inovar através do Design. Realizou-se, primeiramente, a identificação de fatores externos de competitividade do setor para, em seguida, construir um instrumento de coleta de dados que desse conta dos objetivos específicos. Aqui se apresenta a contextualização histórica do setor T&C de forma global e regional. Esta coleta de dados exploratória serviu como subsídio para análise dos dados coletados na etapa quantitativa e realização de uma análise global do caso.

Palavras Chave: setor T&C; indústria de confecção de artigos do vestuário.

Abstract

This article is a component of a final dissertation of a Masters conclusion in Design. The study investigates the cultural predisposition of a group of industries of apparel articles located in Rio Grande do Sul to innovate through design. First off all was realized the identification of external factors of competitiveness of the sector to then build an instrument to collect data and reach the specific goals. Here we present the historical background of the T & C sector in global and regional levels. This collection of data served as input for the exploratory analysis of data collected in the quantitative and conduct a comprehensive review of the case.

Keywords: T &C; garment industry of apparel articles.

Introdução

¹ Graduada em Tecnologia e Moda e Estilo pela Universidade de Caxias do Sul; Mestre em Design pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos e Coordenadora do Bacharelado em Moda na mesma instituição.

A cadeia produtiva têxtil engloba diversos elos, sendo a indústria de confecção de artigos do vestuário aquele que está mais próximo das demandas dos consumidores finais. Desde os anos 1990, esse elo da cadeia vem sofrendo com a abertura de novos mercados e tem estado sob forte pressão para diferenciar-se em algum grau pelos métodos de produção ou preço, pressão esta que se acirra devido à globalização e à produção de bens desterritorializada. Examinar a estrutura dessas empresas frente a tal conjuntura mundial foi essencial para notar a necessidade latente da criação de estratégias e ações alicerçadas em uma metodologia que garanta a obtenção de vantagens competitivas sólidas frente às novas exigências. O trabalho caracterizou-se como um Estudo de Caso do tipo descritivo exploratório, do ponto de vista de seus objetivos, e apresentou abordagem quantitativa e qualitativa.

Os resultados apresentados a seguir fazem parte da etapa qualitativa exploratória de compreensão dos fatores externos que influenciam o estado atual do setor. Está desdobrado em duas etapas, uma de compreensão global do setor e outra de compreensão regional.

Caracterização do Setor Têxtil e de Confecção

O setor produtivo têxtil e de confecção (T&C) é um dos mais antigos da história da humanidade, sendo que os primeiros tramados para a construção de uma estrutura têxtil, segundo pesquisadores, foram feitos ainda na era primitiva. O processo envolvia inicialmente substâncias da natureza como folhas, gravetos e fibras que eram entrelaçados criando cestas e outros objetos para uso doméstico (Tessari, 2001; Chataignier, 2006; IEMI, 2008).

Foi, portanto, com a cestaria que teve origem a tecelagem, um dos elos da cadeia produtiva. As técnicas evoluíram vigorosamente, e o homem passou a transformar fibras individuais em fios contínuos, o que possibilitou a formação do tecido (Chataignier, 2006, p. 15). A história documenta que as primeiras fibras têxteis cultivadas pelo homem na Antiguidade foram o linho e o algodão (origem vegetal) e a lã e a seda (origem animal). Até o final do século XVIII, a fabricação de tecidos era exercida por pequenas empresas familiares, e as grandes mudanças que proporcionaram o surgimento da indústria têxtil

moderna têm suas origens na Inglaterra (1785) quando os teares passam a ser mecanizados (Pezzolo, 2007).

Esse setor foi um dos primeiros a se instalar no Brasil, ainda no tempo do Império, quando o país tornou-se um dos principais exportadores de tecidos de algodão, via Portugal, para a Inglaterra (Pezzolo, 2007). No entanto, a fase industrial brasileira em processo acelerado ocorre a partir dos anos 1950, e apenas em 1970 o setor realmente se consolidou como um dos mais importantes da economia nacional (IEMI, 2008).

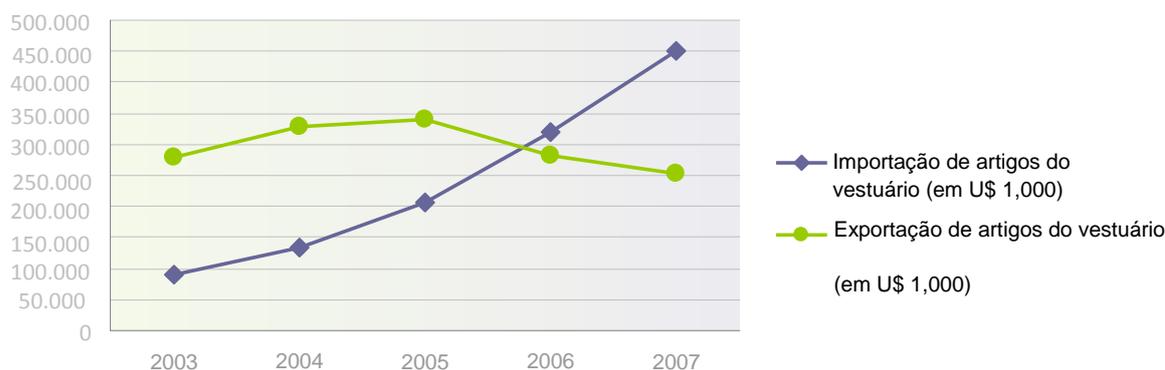
Nos anos 1990, o setor T&C sofreu forte impacto da abertura internacional de mercados, o que também afetou diretamente a indústria nacional como um todo. Nesse período, postos de trabalho foram eliminados, equipamentos sucateados, e muitas empresas fechadas devido às dificuldades em adequar-se às novas condições impostas pelo fim do regime de substituição de importações. Além disso, as empresas não estavam preparadas para enfrentar os preços concorrentes dos produtos oriundos da Ásia (Reis, 2007, p. 173).

Os efeitos da abertura de mercado em relação à balança comercial começaram a aparecer com mais força a partir de 1995. Segundo dados do IEMI (2008), o número de indústrias foi reduzido em 22,8% no período de 1990 a 1996, sendo que as principais indústrias atingidas foram as pequenas e médias. Entre os anos 1990 e 2007, incentivos do Plano Real destinaram mais de US\$12 bilhões para que o setor T&C investisse em modernização por meio da aquisição de máquinas e equipamentos de última geração, permitindo que os produtores nacionais tivessem o mesmo nível tecnológico que os produtores mundiais.

Assim, previa-se que, reestruturadas, as empresas pudessem reagir ao processo de abertura de mercados ocorrido no início da década, porém isso não aconteceu. O que se viu foi um breve período de vantagens na balança comercial, mas logo em seguida as dificuldades voltaram a assolar o setor. A partir de 1999, quando a apreciação cambial do Plano Real foi eliminada, as vendas externas aumentaram em quase todos os segmentos e principalmente na indústria de confecção de artigos do vestuário (Caruso, 2005; IEMI, 2008).

A globalização atuou como um fator que favoreceu o setor T&C brasileiro, mas também mostrou que o país não estava preparado para competir internacionalmente. Desse modo, influenciou o aumento das exportações brasileiras, já que uma parcela significativa da produção, tanto de têxteis quanto de artigos confeccionados, dos Estados Unidos, da União Europeia e do Japão migrou para países emergentes, como o Brasil (IEMI, 2008).

Figura 1: Importação e exportação de artigos do vestuário produzidos no Brasil.



Fonte: adaptado de IEMI (2008).

Porém, os dados apresentados na figura 1 revelam que esse aumento de exportações e diminuição de importações durou pouco tempo. Ao longo do ano de 2007, houve uma defasagem mensal recorde entre artigos importados e exportados que atingiu US\$54 bilhões, valor este superior ao déficit total observado no ano de 2006, que somou US\$33 milhões. A perda de competitividade dos produtos nacionais evidencia-se mais no aumento das importações entre os anos 2005 e 2006 do que na queda das exportações. Ou seja, enquanto as importações aumentaram 41,1% de 2005 para 2006, as exportações caíram 5,1% no mesmo período, sugerindo que o próprio mercado interno tem-se mostrado ávido por produtos fabricados fora do Brasil (IEMI, 2008).

De acordo com um estudo setorial (Bruno et al., 2009), uma estratégia adotada em relação aos investimentos feitos durante o processo de reestruturação do setor T&C fez com que o Brasil investisse na adequação do sistema produtivo em relação à competição pela redução de custos, em vez de

focar em estratégias de diferenciação de produtos. O país concentrou investimentos em máquinas mais produtivas, porém menos versáteis; assim, um setor que tradicionalmente estava voltado para o consumo interno, e ainda produzia com folga para exportação, viu-se acuado diante da globalização e não conseguiu mais atender ao seu mercado tradicional, motivo pelo qual acabou estimulando a importação (Jordan, 2004).

Estudos realizados pelo SENAI (2005), SEBRAE (2003) e IEMI (2008) apontam que o grande desafio para a consolidação do setor T&C no mercado reside em promover a inovação de produtos, processos, formas de gestão ou outros fatores que possam gerar um verdadeiro diferencial competitivo. Em um relatório setorial, Lupatini (2004, p. 21) salienta que os ativos materiais continuam a ter relevância, porém são cada vez menos suficientes para garantir a competitividade da cadeia como um todo.

Um estudo realizado pelo SENAI em 2005 apontou os seguintes “gargalos” como sendo cruciais à competitividade:

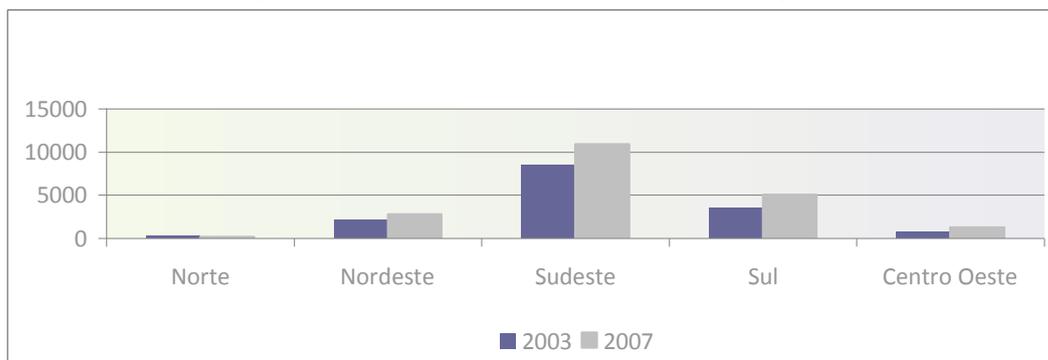
1. informatização incipiente das empresas, em funções tanto operacionais quanto gerenciais;
2. pouca flexibilidade produtiva, o que implica baixa capacidade de resposta às oscilações de demanda, tanto em termos de quantidade quanto de variedade;
3. investimentos insuficientes no desenvolvimento de novos produtos e de design original, fatores fundamentais para a diferenciação da produção;
4. deficiência das estruturas de comercialização, principalmente de comércio exterior;
5. informalidade das empresas do setor de confecção que atuam à margem do crédito e dos canais formais de comercialização.

O setor T&C no Rio Grande do Sul

A região Sul (formada pelos estados de Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul) é a segunda em participação na produção nacional de têxteis,

chegando a atingir 5.903 mil unidades fabris de artigos do vestuário em 2007 (Figura 2).

Figura 2: Unidades fabris instaladas por região.



Fonte: adaptado de IEMI (2008).

Historicamente, a indústria têxtil gaúcha sempre esteve à frente dos demais setores industriais no estado. Os primeiros estabelecimentos a se instalar no Rio Grande do Sul (final do século XIX) com mais de 100 funcionários eram do ramo têxtil, e a maioria encontrava-se no extremo sul do estado, devido à vantagem de localização junto ao porto de Rio Grande (Vogt, 2003).

Dois tipos de indústria caracterizavam o setor naquele período: um deles eram as empresas que se encontravam no Sul do estado e produziam para exportar – principalmente para os estados das regiões Norte e Sudeste do Brasil – e o outro eram as indústrias que abasteciam o mercado local com produtos já manufaturados (indústria de confecção de artigos do vestuário), as quais se localizavam na região metropolitana de Porto Alegre (Vogt, 2003).

Assim, é importante notar que o setor T&C gaúcho estruturou-se desde o princípio sobre bases industriais, e não a partir do artesanato local. Isso ocorreu porque o mercado gaúcho era abastecido desde longa data pelos artigos têxteis ingleses. Inúmeras casas comerciais, sobretudo em Porto Alegre, destinavam-se a vender somente produtos importados. Coube então à indústria local estruturar-se de modo que pudesse enfrentar a concorrência internacional (Vogt, 2003).

Segundo Roche (1969, p. 503), o artesanato não gerou a indústria gaúcha, pois “na maioria dos casos não foi a oficina da picada que se

desenvolveu até tornar-se fábrica” – bem ao contrário. A afirmação de Singer (1979) também vai nesse sentido:

(...) o processo de industrialização, no Rio Grande do Sul, consiste na substituição paulatina desses artigos importados por produtos manufaturados localmente. A indústria rio-grandense penetra, assim, num mercado já existente, formado graças à superioridade competitiva da indústria estrangeira sobre o artesanato local.

Vogt (2003, p. 106) afirma que, para ocorrer o desenvolvimento industrial a partir do artesanato local, fortes medidas protecionistas teriam sido necessárias. Com os produtos estrangeiros impossibilitados de entrar no território nacional, seria fomentada a evolução do artesanato para as atividades manufatureiras e fabris.

Assim, a introdução de novas máquinas e a repetição do que era feito fora do país faz com que a indústria local não tenha características culturais próprias, isto é, a difusão do conhecimento tácito local não ocorreu no período de divisão do trabalho; pelo contrário, ele foi completamente ignorado em substituição a uma “forma de fazer” que não foi desenvolvida com base na cultura local.

Atualmente, o estado gaúcho possui, de acordo com documento da FIERGS, 2.440 empresas estabelecidas no setor têxtil, que representam 7,4% do PIB do estado. A cadeia produtiva têxtil, de modo geral, está sob pressão constante das demandas da moda. Embora o Rio Grande do Sul seja um dos principais estados exportadores de produtos confeccionados (IEMI, 2008), ele está fora dos eventos mais representativos da moda brasileira, os quais acontecem no eixo Rio-São Paulo.

O evento São Paulo Fashion Week, para citar um exemplo, representa uma importante instância sancionadora na qual coleções nacionais são apresentadas à imprensa e a compradores internacionais em sintonia com um calendário global de eventos do setor (Garcia ET.al, 2005, p. 62). Assim, por meio das semanas de moda nacionais, aspectos intangíveis particulares da moda brasileira são documentados e difundidos mundo afora. A seguir

apresentam-se as considerações finais que encerram a investigação histórica do caso do setor T&C no Rio Grande do Sul.

Considerações Finais

A partir da análise setorial considerando o contexto do país e em seguida o do Estado do Rio Grande do Sul, é possível identificar alguns fatores históricos (Figura 3) que são cruciais para a compreensão da situação atual do Setor T&C.

Figura 3: Fatores históricos cruciais.

Fato histórico	Consequência
Abertura do mercado nacional em 1990	Elimina postos de trabalho, provoca o fechamento de empresas do setor e sucateia o parque industrial nacional.
Globalização e Plano Real em 1999	Estabiliza o mercado interno e provoca o aumento das exportações, principalmente de artigos confeccionados.
Investimentos de US\$12 bilhões em novas tecnologias (1990-2007)	Mantêm o país como competidor internacional, porém não estabiliza a balança comercial no setor por não proporcionar verdadeiro diferencial competitivo.
Produção têxtil do estado gaúcho baseada na imitação de produtos europeus	As primeiras indústrias têxteis do estado gaúcho imitavam os produtos vindos da Europa, e o setor desenvolveu-se sem respeitar o conhecimento local.
Eventos de moda	O Rio Grande do Sul está fora dos centros difusores da moda brasileira.

Este estudo exploratório serviu como subsídio para o estudo quantitativo que se seguiu. Considerou-se esta uma etapa fundamental para posterior análise global dos dados coletados e para uma adequada construção de um Estudo de Caso.

A análise global retomou importantes aspectos do tema de estudo definidos na fundamentação teórica, com vistas a oferecer uma melhor compreensão e possíveis reflexões a partir dos resultados da pesquisa. Em outras palavras, significa que aspectos relativos à pesquisa (interno e externo das empresas investigadas) foram discutidos a fim de descrever o caso e os problemas envolvidos no processo de inovação orientada pelo design na indústria de confecção de artigos do vestuário.

Referências

BRUNO, F.S.; FILIPECKI, A.T.P.; JÚNIOR, E.S. Globalização do setor têxtil e de confecção brasileiro: a busca pelo controle de ativos escassos de conhecimento. **Espacios**, n. 30, 2009.

CARUSO, L.A.C. **Recomendações: setor têxtil**. Estudo Setorial, Brasília: SENAI/DN, 2005.

CHATAIGNIER, G. **Fio a fio: tecidos, moda e linguagem**. São Paulo: Estação das Letras, 2006.

GARCIA, C; MIRANDA, A.P. de. **Moda é comunicação: experiências, memórias, vínculos**. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2005.

IEMI. **Brasil têxtil 2008: relatório setorial da indústria têxtil brasileira**. Estudo Setorial, São Paulo, Instituto de Estudos e Marketing Industrial LTDA, v. 08, 2008.

JORDAN, M.B.P. **Processo de desenvolvimento de produto: um estudo para a indústria têxtil**. Trabalho de conclusão do Programa de Pós-Graduação da Escola de Engenharia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre, 2004.

LUPATINI, M. **Relatório setorial preliminar: setor têxtil e vestuário**. FINEP: rede DPP. Rio de Janeiro, 12 jan. 2004. Disponível em http://www.finep.gov.br/PortalDPP/relatorio_setorial/impresao_relatorio.asp?lst_setor=23. Acesso em: 20 nov. 2009.

PEZZOLO, D.B. **Tecidos: história, tramas, tipos e usos**. São Paulo: Editora Senac, 2007.

REIS, C.R.N. Não tem patrão, mas tem porque eles continuam mandando: trabalhadores e cooperativas de trabalho no Maranhão. In: LIMA, J.C. **Ligações perigosas: trabalho flexível e trabalho associado**. Annablume, 2007.

SEBRAE. **Coletânea: setorial têxtil e confecções**. Estudo Setorial, Porto Alegre: Sebrae – Planejamento e Marketing, Inteligência de Negócios, 2003.

SENAI. **O complexo têxtil brasileiro: Evolução recente e mudança tecnológica**. Estudo Setoria Têxtil, Brasília: SENAI/DN, 2005.

TESSARI, C. **Panorama setorial têxtil**. Gazeta Mercantil, v. 1, Estudo Setorial, Porto Alegre, 2001.

VOGT, C.C. **As origens da indústria gaúcha e o setor têxtil no período do processo de substituição de importações**. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Ciências Econômicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre, 2003.

